

Scalabrini e a Palavra de Deus

Se observarmos as três mais importantes atividades de Dom Scalabrini: a obra em favor dos surdos-mudos, do catecismo e dos migrantes, perceberemos que há um denominador comum que dá vida, dinamismo e eficácia, isto é, a Palavra de Deus...

João Batista Scalabrini Bispo e Fundador

Scalabrini e a Palavra de Deus



1º. Se observarmos as três mais importantes atividades de Dom Scalabrini: a obra em favor dos surdos-mudos, do catecismo e dos migrantes, perceberemos que há um denominador comum, isto é, a Palavra de Deus: impossibilitada, desenvolvida, particularizada. Nos surdos-mudos encontra-se diminuída a “fides ex auditu” (= a fé que nasce da escuta), impossibilitados que são de ouvir a palavra: “A Religião, vocês sabem, é revelação e a revelação é palavra; de fato, a inteligência divina não pode se comunicar à inteligência humana se não por meio da palavra” (Pastoral 1880, sobre os surdos-mudos). O Catecismo é o Evangelho, a abençoada palavra de Jesus, ou melhor ainda, “O Evangelho, pode-se dizer, é o livro dos Catecismos de Jesus” (O Catecismo católico. p. 102). Finalmente: “Os problemas da nossa migração se resumem nisso: perda da fé por falta de instrução religiosa (...). Ah, a desventura da privação daquele pão espiritual que é a Palavra de Deus!” (Primeira Conferência

sobre a Migração). Por isso, Scalabrini que havia comparado o surdo-mudo a um estrangeiro, compara também o migrante a um surdo-mudo da Palavra de Deus!

2º. Se Scalabrini foi “O Apóstolo do Catecismo” (Pio IX) exerceu também a missão profética, com a pregação da Palavra de Deus, seja através do ato litúrgico da homilia ou com aquele didático da catequese. Das suas homilias, geralmente escritas todas por inteiro, conservamos mais de duas mil páginas. Não se deve esquecer, também, daquela forma especial de catequese da Palavra que são as setenta Cartas Pastorais. Homilia e catequese, porém, Scalabrini as entendeu não somente como ensinamento, mas como aquele ensinamento que visa diretamente à modificação da vida, à imitação de Cristo: naturalmente aquele ensinamento usa de métodos diferentes: celebrativo, solene, bíblico-patristico-litúrgico, cheio de unção e estímulos nas homilias; mais discursivo e com ampla liberdade de movimentos na catequese. Nas homilias, além do mais, a relação entre teologia e moral, entre o fato e o fazer-se – a assim dita dialética entre indicativo e imperativo – é a partir das instruções de Paulo: primeiro, aquilo que Deus fez por nós e, depois, aquilo que nós devemos fazer por Deus.

3º. Entre os textos que tratam expressamente da Palavra de Deus escolhemos algumas páginas da “Pastoral para a Quaresma de 1897 sobre a Divina Palavra”, e uma página do Segundo Discurso ao Sínodo III (1899), que tem por título: “A Pregação Eucarística”.

O pensamento scalabriniano sobre a Palavra de Deus é muito amplo, ainda que se considere somente a sua atividade prática de catequista e pastor e aquela teórica no campo da catequética. Mostraremos, aqui, somente alguns pontos.

4º. Aquilo que mais nos chama atenção neste extraordinário organizador do catecismo e solícito e fascinante pastor de almas, é o espírito de fé com que ele se coloca e quer que nos coloquemos também, diante da Palavra de Deus: que tem uma eficácia além do meio em si e que tem um Mestre interior que precisa saber ouvir além do orador que percute os tímpanos do exterior. Os sacerdotes encontram motivo de humildade e ao mesmo tempo de consolação neste pensamento do Sínodo III, p.243; “Não deveis deixar-vos desencorajar do temor que os fiéis não entendam. A compreensão dos mistérios, de fato, não deriva da inteligência natural, mas da luz da fé, que Deus infunde por ocasião da pregação, como ela é feita aos corações.” E chega ao verdadeiro sentido dos colaboradores de Deus (1Cor 3,9) neste pensamento: “A Palavra de Deus nada perde de seu valor e permanece sempre Palavra de Deus, também dos lábios do mais ínfimo dos sacerdotes (...); o Verbo de Deus se obriga a passar pela sua boca, como sobre o altar se obriga a passar pelas mãos do ministro também mais imperfeito. Deus (...) não quis que a eficácia destes ministérios confiados ao homem dependesse da virtude, da santidade do homem, caso contrário, os homens seriam dependentes do homem para sua santificação e para sua saúde.” A eficácia da Palavra de Deus (...) não está ligada aos dotes pessoais, nem à inteligência e muito menos à santidade do ministro, mas à divindade do ministério, à palavra do homem, enquanto ela fala de Jesus Cristo e em nome de

Jesus Cristo, ou então, enquanto Jesus Cristo fala no homem” (Pastoral 1897).

Scalabrini redimensiona aqui a importância do ministro, que é um servo que trabalha com os outros num campo que é de Deus. O importante é Deus, é o Cristo.

5º. A pastoral que escolhemos aqui, articula-se em três partes: Por que devemos escutar a Palavra de Deus? De quem devemos ouvi-la? Como devemos ouvi-la?

À primeira pergunta responde que devemos ouvi-la, “em suma, porque é Palavra de Deus”, e Palavra de Deus feito homem para que seja cheia de verdade e de vida e capaz de iluminar a inteligência e mover a vontade.

À segunda questão responde que devemos ouvi-la daqueles que o Verbo de Deus tem autorizado a serem ministros da Palavra: Papa, Bispos e sacerdotes (adverte-se o contexto dramático do cisma Miragliano daqueles anos!).

À terceira questão responde que devemos ouvi-la com atenção, com respeito e com o firme propósito de praticá-la. Será, particularmente, desta parte que abordaremos.

A Catequese (eucarística) - com suas partes dogmáticas, litúrgicas e morais – não seja árida e puramente teórica, mas calorosa, inspirada e prática: ilumine a inteligência e conduza à vontade dos bons propósitos (III Sínodo, V, 3).

A Palavra de Deus é viva e eficaz

Comentando o célebre hino à Palavra de Deus da Carta aos Hebreus, Scalabrini sublinha a virtude iluminadora da inteligência e da consciência que é própria da Palavra de Deus, mas, sobretudo, a sua eficácia, isto é, a sua capacidade de mover a vontade, motivando-a nos seus misteriosos mecanismos, a fim de levá-la a cumprir a vontade de Deus. A Palavra de Deus tem a capacidade de fazer os santos! Parece que Scalabrini tenha também intuído aquilo que dirá depois a psicologia experimental: que a vontade se move não tanto pela força do exercício, mas pela força da motivação, isto é, pelos valores.

Infinita e inefável é a força de Deus, que opera na alma. Disse o Apóstolo: “A Palavra de Deus é viva, eficaz e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes; ela penetra até o ponto onde a alma e o espírito se encontram, e até onde as juntas e medulas se tocam; ela sonda os sentimentos e pensamentos mais íntimos” (Hb 4,12).

A Palavra de Deus é viva: é a própria vida de Deus que em certo sentido anima a sua palavra e a torna operante. É eficaz: tem a sua disposição a onipotência divina pronta a cumprir àquele que a ordena. Mais penetrante de qualquer espada de dois gumes: Como uma espada de dois gumes penetra mais a fundo, assim faz a Palavra de Deus, chegando até onde a alma e espírito se encontram. Pode-se dizer que corta nas suas partes potenciais a alma sensitiva (=a sensibilidade) e a alma espiritual, perscrutando o íntimo e operando no espírito do homem tudo aquilo que agrada a Deus, do qual é instrumento. Também das juntas e da medula: as dobras mais íntimas, os pensamentos mais escondidos, as motivações mais ocultas e sutis que impulsionam a vontade à ação. Tudo é despido e descoberto diante dos seus olhos.

A palavra eficaz vê tudo, torna tudo perspicaz à alma e, dando um juízo de discernimento conduz a alma da iniquidade à justiça e a reconcilia com Deus. “O teu espírito incorruptível está em todas as coisas!”, exclama o Sábio. “Por isso, castigas com brandura os que erram. Tu os admoestas fazendo-os lembrar os pecados que cometeram, para que, afastando-se da maldade, acreditem em ti, Senhor” (Sb 12,1-2) - (Discurso II do Sínodo III, p. 236-7).

Jesus, por três anos, dedicou-se totalmente ao ministério da palavra: precisa que eu evangelize... porque para isto é que fui enviado” (Lc 4,43): e diz exatamente “para isto” como se isto fosse o único trabalho da sua divina missão (...). Jesus, deu pois aos Apóstolos o dom dos milagres unicamente para confirmar a palavra de verdade dita por eles (1º Sínodo, p.22).

A Palavra de Deus: força da vontade

A ferida mais grave, o pecado original, causou à vontade a incapacidade, a falta de força em reconhecer o bem e viver uma vida como a dos “santos”. Esta força é chamada por João de “espírito”, e é o Espírito Santo que instrui o coração, e que “passa da inteligência à consciência” e desta à obra moralmente boa, demonstrada na vida social cristã.

Seria pouco, todavia, se o nosso intelecto fosse iluminado a conhecer as verdades da fé e gozasse dos frutos, se a vontade não fosse movida a abraçar essas verdades. E a isto também provê de modo maravilhoso e muito eficaz a palavra divina.

“A minha palavra é espírito de vida”, disse o divino Redentor. Esta tem a virtude não somente de mudar a vontade, mas de purificar os corações, de formar os santos: O fruto da luz consiste em toda bondade, justiça e verdade” (Ef 5,9).

Como a luz do sol circula em todo o universo com uma instantânea rapidez, para comunicar a todas

as coisas as suas irradiações e os seus influxos que são as vertentes da vida, assim a luz da Palavra de Deus cheia de esplendor e de fogo, e não menos rápida, rege incessantemente o mundo das almas, infundindo o calor e a vida a cada uma de suas partes: “A sua palavra corre veloz” (Sl 147).

Por causa dela tudo se move e se anima, por causa dela nascem e se multiplicam os santos pensamentos, os puros afetos, os generosos propósitos, os magníficos empreendimentos, por sua causa a Igreja é coroada de todas as flores e de todos os frutos das mais belas virtudes. Nenhuma outra palavra é mais eficaz. A sabedoria humana, é verdade, ditou seus costumes e seus deveres, sobre as virtudes e sobre as paixões, sobre as suas causas e seus remédios, sentenças magníficas, páginas estupendas. Há nestas páginas, e nestes livros, úteis verdades e até lampejos que revelam o gênio. Mas de onde provém que tantas belas palavras sejam impotentes no reprimir uma paixão, no corrigir um vício, no fazer exercitar uma virtude, no reformar, não quero dizer, um povo, uma cidade, uma família, mas uma única alma? Porque a palavra do homem não é espírito e vida, se não for pronunciada em nome e por autoridade de Jesus Cristo. Desvinculadas do seu eterno princípio, que é o Verbo criador, as próprias doutrinas do Evangelho: vocês as verão logo tomadas pela esterilidade, iguais àquelas plantas que não podem florir e nem mesmo dar frutos, afastadas do clima que as viu nascer.

Sem falar das virtudes sobrenaturais, que são evidentemente o tesouro reservado pela fé católica, onde vocês encontrarão, ó meus caros, a instrução capaz de formar o homem de bem, a instrução que, depois de ter iluminado o espírito, não deixa de fato indiferente o coração, que passa da inteligência à consciência e encaminha à fé os pensamentos e as obras, a instrução que torna os filhos respeitosos, as esposas fiéis, os servos confiáveis, os ricos caridosos, os pobres resignados, os comerciantes honestos, os artesãos laboriosos? Esta salutar instrução, não, vocês não a terão, se não for mediante a Palavra de Deus.

Lembrem-se, os sagrados oradores, que as suas palavras têm sim, o fim de iluminar a inteligência, mas sobretudo, aquele de tocar o coração (...) e que a homilia deve sempre ter também um fim prático, ainda que seja um panegírico (IIº Sínodo, IIº, 18).

Palavra ouvida e não lida!

“Filhos caríssimos, a palavra de Deus devemos antes de tudo, ouvi-la” – tinha dito. E aqui retorna sobre o tema com um pensamento que tem sido revitalizado pela reflexão pós-conciliar: a Palavra de Deus que tem em si “a eficácia divina” é aquela anunciada, mais do que lida e meditada: entende-se aqui, sobretudo, o anúncio na liturgia eucarística. Jesus deu aos apóstolos uma mensagem, não um livro! É digna de nota a “razão” desta eficácia: todas as efusões particulares de sua graça “que acompanham a pregação”.

Retomamos: a verdade que nos vem da pregação da Palavra de Deus nós podemos obtê-la, sem dúvida, da leitura de bons livros. Sim, respondo a vocês, e nada mais louvável; mas lê-la é bem diferente de ouvi-la, porque a palavra escrita não tem aquela virtude secreta, aquela eficácia divina que tem a palavra falada, ou predicada. A razão é, que o Senhor acompanha a pregação da sua doutrina com efusões especiais de sua graça.

Eis porque Jesus Cristo chama abençoados, não aqueles que lêem, mas aqueles que ouvem a sua palavra: “Bem-aventurados aqueles que ouvem a palavra de Deus” (Lc 11,28). Leiam, de fato, as histórias eclesiais e interroguem a experiência cotidiana e encontrarão que são raras, muito raras as conversões que se dão por boas leituras, enquanto são muito freqüentes aquelas que acontecem mediante a palavra pregada. A própria conversão do mundo, não se deve à leitura dos livros sagrados, mas à pregação daquilo que os livros sagrados contêm (...).

A vida espiritual, da qual a fé é o princípio, comunicada por Jesus Cristo aos apóstolos, não nos atinge, não chega até nós, se não pelo ministério daqueles e dos seus sucessores. Aos apóstolos, de fato, Jesus Cristo não disse: ide pelo mundo e dizei aos homens que eu falarei interiormente a cada um deles; não disse muito menos aos mesmos: Ide pelo mundo, e depois de ter colocado por escrito os fatos da minha vida e os ensinamentos da minha doutrina, entregai aos homens aquele livro, deixando que cada um recolha por si mesmo a verdade que vos revelei, e que não podem ignorar sem dano à eterna saúde. Jesus Cristo não falou assim, mas ao invés, disse-lhes: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado, será salvo, mas quem não crer, será condenado” (Mc 16,15).

Atenção e respeito na escuta

A parte moral é toda substanciada de teologia. Observada a analogia entre ceia da Palavra e ceia Eucarística, entendemos que a atenção é necessária e é motivada pelo fato que Jesus, enquanto o pregador fala ao externo, Ele fala a partir de dentro e do Céu. Resulta ainda que o sacerdote e a sua

palavra revestida por seus dotes pessoais, também de santidade, é secundária no anúncio, que é sempre feito por Jesus Cristo. A energia da Palavra é devida unicamente ao Espírito. Há nesta página como que uma provocação: de prestar mais atenção e respeito a um instrumento inadequado, para ter um suplemento de lição do “Mestre que é de dentro”. Pode-se perceber aqui, uma referência ao sacerdote Miraglia, que tinha provocado um cisma em Piacenza também por sua habilidade de oratória. A palavra evangélica como “carta enviada por vosso Pai celeste” é pensamento de Santo Agostinho, e num contexto de celebração litúrgica.

Deve ser ouvida com atenção, de maneira que, no dizer do santo doutor Agostinho, a diligência que usamos quando recebemos o corpo de Cristo, a fim de que nada caia no chão, devemos usá-la para com a palavra divina, cuidando bem para que enquanto pensamos em outra coisa e falamos de outra coisa, que algo dela não se perca e caia do nosso coração. Isto não é um escrúpulo vão, porque (conclui o Santo com termos que fazem tremer) porque não é menos culpado quem escuta negligentemente a Palavra de Deus, de quem deixa por negligência, cair por terra uma mínima partícula do corpo de Cristo. Não esqueçamos, pois, ó caríssimos, que enquanto o pregador nos fala do púlpito ou do altar, Jesus Cristo nos fala do céu; o som das palavras atinge os ouvidos de fora, mas o Mestre está dentro; e, ainda mais do que abrir os ouvidos do corpo, devemos abrir os ouvidos do espírito à Sua palavra. Ele nos fará entender de modo secreto, mas muito claro aquilo que quer de nós.

A Palavra de Deus, em segundo lugar, quer ser ouvida com respeito; devemos, então, deixar de lado, as vãs curiosidades, o espírito de crítica, a falta de simplicidade com as roupas, as conversas, os sinais de impaciência e de tédio. Não tenhamos pretensão com sublimes conceitos, com frases elegantes, com vestes enfeitadas. Quando nosso Senhor caminhava pelas estradas da Palestina pobremente vestido, não era ele o mesmo Deus que apareceu um dia sobre os montes do Tabor, fulgurante de luz, encoberto de glória? Era talvez, antes de então, menos digno de respeito? Pois bem, quando a palavra do sacerdote é apresentada em trajes pobres, que importa, quando vocês reconhecem nela Jesus Cristo? A palavra evangélica é como uma carta que foi enviada a vocês pelo vosso Pai celeste. Ora, um filho afeiçoado não fica olhando se a carta é boa ou ruim, se as letras são nítidas ou manchadas; observa, sim, àquilo que o pai lhe diz. Portanto, também com relação à sagrada pregação, não seja dada atenção a quem fala ou ao modo de quem fala, mas unicamente às verdades que anuncia.

A Palavra de Deus deve ser praticada

Sublinhamos aqui dois pensamentos que conduzem ao mesmo objetivo: a Palavra exige não só ser entendida, mas também amada, ou como ele distintamente se exprime, “transformada em afeto”: porque o amor é o melhor modo também para entendê-la, além de colocá-la em prática. A Palavra, além disso, deve ser meditada. De fato, para Scalabrini a meditação ilumina a consciência e estimula a vontade: é como dizer que a meditação produz “o firme propósito de praticar a palavra”: e nos faz tornar “santos”!

A Palavra de Deus, finalmente, deve ser ouvida com o firme propósito de praticá-la. Qual, de fato, ó diletos, é o objetivo disso? É aquele de tornar-nos bons cristãos de mente, cristãos de coração, cristãos de obras. Deve tornar-nos cristãos de mente? Portanto, devemos meditá-la. Ouvir a Palavra de Deus e depois não mais pensar sobre ela, é, segundo o Apóstolo Tiago, como quem olha o próprio rosto no espelho e vai embora. Qual a impressão que lhe resta? Nenhuma. É só com a reflexão que o homem aprende a conhecer o que ele é e aquilo que deve ser, a pensar e a julgar cada coisa de maneira cristã. Deve, a Palavra de Deus, tornar-nos cristãos de coração e de obras? Portanto, deve ser transformada em afeto. Não somente devemos entender a verdade, mas devemos amá-la, e não somente devemos amá-la, mas devemos, outrossim, praticá-la: transformando a verdade na caridade (Ef 4,11), como ensina o Apóstolo. O sinal de que a Palavra de Deus produziu em nós o seu fruto, são as obras; porque se a fé sem caridade é morta, a caridade sem as obras não é caridade. E Deus, quando nos fala, nos faz conhecer aquilo que devemos praticar, mas ao mesmo tempo nos faz praticar aquilo que conhecemos.

*Livre tradução do folder “Venerabile G.B. Scalabrini Vescovo e Fondatore”.